

**OUTROS LUGARES: WILLIAM BECKFORD,
PORTUGAL E AS ARTES**

***ANOTHER PLACES: WILLIAM BECKFORD,
PORTUGAL AND THE ARTS***

Paulo M. Kühl¹

RESUMO: William Beckford é tradicionalmente associado a seus livros assim como à sua personalidade exuberante. A proposta deste ensaio é discutir alguns cuidados necessários para lidarmos com seus escritos, em particular aqueles relacionados à cultura portuguesa no final do século XVIII.

Palavras-chave: Beckford; Portugal; século XVIII

ABSTRACT: William Beckford is traditionally associated with his books as well as his exuberant personality. The aim of this essay is to discuss some necessary considerations when engaging with his writings, particularly those related to Portuguese culture at the end of the 18th century.

Keywords: Beckford; Portugal; 18th century

¹ Professor Titular do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. pmkuhl@unicamp.br

A National Portrait Gallery, Londres, possui um retrato de William Beckford (Figura 1), pintado por Joshua Reynolds², e nas informações que acompanham o quadro, lê-se: “Quando o colecionador e escritor William Beckford posou para este retrato, ele havia publicado há pouco seu notório romance de terror *Vathek*. Assim como este retrato, Beckford era exuberante [*flamboyant*]. Ele projetou sua extravagante mansão Fonthill Abbey, com uma torre de 90 metros que era tão perigosa que foi demolida 30 anos depois. Tanto a casa quanto este retrato foram financiados pelo trabalho de pessoas escravizadas. Beckford era uma das pessoas mais ricas na Grã-Bretanha e tinha 13 fazendas de cana-de-açúcar na Jamaica. Com 18 anos, Beckford começou uma relação de cunho sexual com William Courtney, de 16 anos. A descoberta desta relação ilegal o levou a um exílio temporário na Europa”³.

É curiosa a apresentação do quadro, pois são mencionados vários tópicos que, em épocas diferentes, estiveram associados à imagem de Beckford, sempre ligado a controvérsias⁴. Em primeiro lugar, por ser o autor de *Vathek*, seu livro mais conhecido, publicado pela primeira vez em 1786-1787. Junto com Horace Walpole, autor de *O castelo de Otranto* (1764), Beckford é recordado como um pioneiro do chamado romance gótico; *Vathek* é certamente sua obra de maior sucesso, mas o autor também publicou diversos outros títulos. Lembro apenas que já nesta obra, escrita em francês e posteriormente traduzida para o inglês, há diversos meandros que tornam a história da publicação mais confusa, além, é claro, do personagem título, um libertino, em quem muitos quiseram ver a própria imagem do autor. Também de interesse no nosso caso são as *Memórias Biográficas de Pintores Extraordinários*⁵, um conjunto de biografias fictícias de artistas de vários tempos, no qual se vê a constante tensão entre a história e as biografias, ironicamente

2 Para detalhessobre a obra, veja-se <https://www.npg.org.uk/collections/search/portraitExtended/mw07093/William-Thomas-Beckford?>

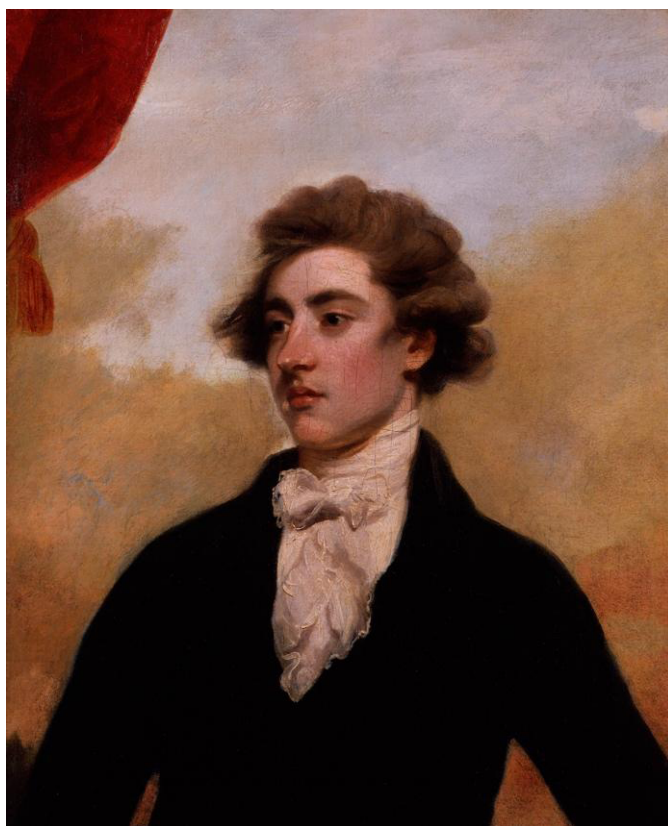
3 “When the collector and writer William Beckford sat for this portrait, he had just published his notorious horror novel *Vathek*. Like this portrait, Beckford was flamboyant. He designed the extravagant mansion Fonthill Abbey with a 90-metre tower that was so dangerous, it was demolished after 30 years. / Both the house and this portrait were financed by the labour of enslaved people. Beckford was one of the richest people in Britain and had 13 sugar plantations across Jamaica. / At the age of 18, Beckford began a sexual relationship with William Courtney, aged 16. The discovery of this illegal relationship led to temporary exile in Europe”.

4 São várias as biografias sobre Beckford, destaco aqui apenas o livro de Alexander (1962). Apesar de já antigo, trata-se de um livro rigoroso.

5 Obra de estreia do autor, publicada em 1780. Para a tradução em português, veja-se Beckford (2001).

manipuladas com grande maestria. Em certa medida, fica explicitada uma característica que atravessará outras obras do autor e também as tentativas de captar elementos de sua vida, a saber, uma constante elaboração de fatos e mitos⁶.

Figura 1. Joshua Reynolds. *William Beckford*. 1782, óleo sobre tela, 72,7 cm x 58,4 cm.



National Portrait Gallery, Londres.

6 “William Thomas Beckford (1760-1844) is a bewildering historical subject not just because of the actual complexities of his career. As many have recognised, the difficulty is that, over a long life, he left such extensive and stylish writings on himself, his inner life and his responses to all manner of things. Thus, it is easy to mine his writings for discrepancy and contradiction, but not so easy to characterise him unambiguously. As he admitted to his companion Gregorio Franchi, a lot of what he said and wrote was just ‘words, words, words’” (Klein, 2018).

Em segundo lugar, o texto da National Portrait Gallery menciona Fonthill Abbey, também ela lembrada pela ousadia da construção e a consequente demolição. Destaca-se igualmente a riqueza da família, tendo Beckford sido descrito por Byron como “o filho mais rico da Inglaterra”⁷, alcunha constantemente lembrada em diversos escritos. Mais recentemente, assim como no caso de outras pessoas no Reino Unido, a origem da fortuna da família vem sendo pesquisada e divulgada, associando-se diretamente a ela o tráfico e a exploração de pessoas escravizadas. Desse modo, o mito do autor excêntrico, perdulário, sem limites, que já era veiculado desde o século XVIII, associa-se à origem imoral da riqueza, o que contribui ainda mais para reforçar a imagem de um homem sem limites.

Por fim, um escândalo de grande repercussão na Inglaterra vem completar a imagem: o envolvimento de Beckford com o jovem William Courtenay (1768-1835)⁸. O escândalo eclodiu em 1784, mas fontes sugerem que era algo que vinha acontecendo desde quando Courtenay tinha 11 anos. As datas que constam na National Gallery Portrait estão erradas, já quem 1784 Beckford tinha 24 anos, sendo 8 anos mais velho que Courtenay. Por causa desse escândalo, Beckford deixou a Inglaterra em uma espécie de autoexílio, que se converteu num *grand tour* forçado, indo primeiramente para a Suíça e, numa segunda viagem, acabou chegando Portugal, por onde passou várias vezes. É diante desse cenário, sempre conturbado, que podemos fazer algumas considerações sobre como o legado de Beckford foi utilizado nos estudos sobre as artes em Portugal.

Relatos de viagens são uma fonte tradicional para os mais diversos estudos e, no caso português, constituem uma referência essencial para o estudo das artes e da cultura, em especial nos séculos XIX e XX. São vários os autores de língua inglesa que escreveram sobre o país, tais como A. W. Costigan (talvez o pseudônimo de James Ferrier), John Blankett, James Murphy, R. Southey, R. Twiss, George D. Whittington, N. W. Wraxall, assim como os de outras nacionalidades. Os textos de Beckford, publicados muito depois de suas estadias em Portugal, são especialmente saborosos, não apenas pelo estilo um tanto cáustico, mas também por uma circunstância especial. Se

7 *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I, xxii, 1812.

8 Para o conjunto de documentos relativos ao caso, veja-se o site <https://william1768courtenay.com/>. Com relação à vida de Beckford e a homossexualidade, veja-se Tinker (1996).

as *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha* (Beckford, 1835) são um texto incontroverso, os diários publicados em *Italy; with Sketches of Spain and Portugal* (Beckford, 1834) não correspondem exatamente às anotações manuscritas do autor, que só foram publicadas em 1954 por Boyd Alexander (1954). A imagem pública que o autor quis exibir na versão publicada diverge, como era de se esperar, de seus diários íntimos. De qualquer modo, as duas versões vêm servindo a pesquisadores na tentativa de compreender as relações sociais e as artes em Portugal.

O “olhar estrangeiro” é um bem e um mal com que temos de lidar ao utilizar relatos que trazem consigo uma série de convenções. Se no caso dos diários podemos perceber as intervenções do autor em busca de um conteúdo de maior aceitação social, no caso das *Recollections*, trata-se de uma grande fantasia literária, em que os famosos mosteiros portugueses parecem um pretexto para uma trama quimérica. Assim, a busca de uma eventual precisão histórica é uma tarefa complexa, se não impossível, pois de fato o que mais sobressai nesses escritos é justamente a maneira como determinadas convenções se articulavam para construir uma imagem esperada do que era narrado. Em geral, a visão sobre Portugal era depreciativa, sobretudo no que dizia respeito ao catolicismo dominante e aos costumes vistos como atrasados. Em relação às artes, os juízos eram pouco elogiosos, exceção feita à música, comumente louvada pelos estrangeiros⁹.

Como era de se esperar, dos estudiosos da Península Ibérica os portugueses foram os que mais se interessaram pelos textos de Beckford, já que o autor esteve várias vezes no país e lhe dedicou muitas páginas. O livro de Maria Laura Bettencourt Pires (1987) traz uma série de referências sobre Beckford, tanto de seus manuscritos, como também de obras publicadas e de textos portugueses sobre o autor. Especialmente no último capítulo, “A Projeção da Obra de William Beckford em Portugal”, a autora mostra a série de mitos e equívocos constantemente associados à vida do escritor inglês e a suas passagens por Portugal. É surpreendente ver como diversos autores tomaram por verdade alguns dos episódios narrados pelo próprio Beck-

9 Beckford parecia ter um particular apreço pela música em Portugal, se é que podemos acreditar em seus comentários. De qualquer modo, a música é um elemento importante em seus escritos, como se depreende da menção ao encontro com Mozart, quando menino, ou do transporte de seu piano para Portugal, ou ainda na singular cena em que o autor inglês tenta impressionar com seu canto o jovem filho do Marquês de Marialva (cf. Kühl, 2004).

ford, somados à invenção de outros, misturando-os com elementos de suas obras literárias, especialmente o *Vathek*, reforçando a constante imagem do homem estrangeiro, rico e excêntrico. De fato, Beckford parece ter criado uma série de armadilhas para seus leitores, sempre ávidos por algum tipo de verdade, especialmente no que se refere a determinados momentos de sua vida. Podemos lembrar o vasto livro de Goethe, *Aus meinem Leben: Dichtung und Wahrheit*, em que o autor alemão constrói uma intrincada autobiografia, misturando arte e história. Contudo, no caso de Beckford, o labirinto é ainda mais emaranhado. A tese de Dick Claésson (2001) propõe uma abordagem interessante: evocando um ensaio de Boris Tomashevsky¹⁰, o autor sugere que Beckford deliberadamente criou uma “lenda biográfica”, misturando elementos de sua vida com uma trama ficcional. Nas palavras de Claésson (2001, p. 10), “é um personagem cuidadosamente coreografado, agindo no que vagamente poderia ser explicado como uma trama, tradicionalmente interpretada como autobiográfica e frequentemente usada com o propósito de um discurso biográfico”¹¹. Ou seja, o interesse literário se sobrepõe à “verdade”, mesmo em textos com aparente caráter autobiográfico, como a versão publicada dos diários ou as *Recollections*.

O que fazer então com os diversos comentários do autor sobre a arte e a cultura em Portugal? Em seu gigante livro sobre o mecenato artístico no país, Angela Delaforce (2002) constantemente usa as referências de Beckford, seja sobre o Palácio de Mafra, seja sobre o de Queluz, ou ainda, sobre vários outros assuntos artísticos. Os comentários, saborosos como sempre, ajudam a compor uma imagem das artes no século XVIII, mas sobretudo confirmam, a cada momento, a ideia da construção de uma personalidade muito particular. A autora usa com sabedoria as citações, temperando aqui e ali seu texto com notas que conferem um caráter peculiar ao que está sendo examinado. Isso nos serve como um alerta, já que a difícil relação entre a vida e a produção artística sempre exige um cuidado especial. Para voltar ao início deste texto, a menção de que “assim como este retrato, Beckford era exuberante”, ou seja, criando uma equivalência quase imediata entre a pintura de

10 “Literature and biography”. In Matejka, Ladislav; Pomorska, Krystyna (ed.). *Readings in Russian Poetics: Formalist and Structuralist Views*. Ann Arbor, MIT Press: 1978, p. 47-55

11 “It is a carefully choreographed character acting in what could vaguely be construed as a plot traditionally interpreted as autobiographical and often used for the purposes of a biographical discourse” (Claésson, 2001, p. 2).

Reynolds e a vida do escritor, soa como algo ingênuo e simplista. Acostumados que estamos a buscar informações e significados em produções artísticas, o exemplo de Beckford nos serve como uma constante advertência a respeito do cuidado necessário ao lidarmos com os elementos da criação.

REFERÊNCIAS

Alexander, B. (1962). *England's wealthiest Son. A Study of William Beckford*. Centaur Press.

Alexander, B. (1954). *The journal of William Beckford in Portugal & Spain, 1787-1788*. Hart-Davies.

Beckford, W. (1834). *Italy: with Sketches of Spain and Portugal*. Richard Bentley.

Beckford, W. (1835). *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha*. Richard Bentley, Samuel Bentley.

Beckford, W. (2001). *Memórias Biográficas de Pintores Extraordinários*. Ateliê Editorial.

Claésson, D. (2001). *The narratives of the biographical legend. The early works of William Beckford*. [Tese de Doutorado, Universidade de Gotemburgo].

Delaforce, A. (2002). *Art and Patronage in Eighteenth-Century Portugal*. Cambridge University Press.

Klein, L. (2018). William Thomas Beckford: Between dalliance and duty. *Fonthill Recovered: A Cultural History*, 276-283.

Kühl, P. M. (2004). Vendica i torti miei: Beckford, Opera, and Portuguese Society. In K. W. Graham, & K. Berland (Eds.), *William Beckford and the New Millennium* (pp. 165-180). AMS Press.

Pires, M. L. B. (1987). *William Beckford e Portugal*. Edições 70.

Tinker, J. (1996). *William Beckford. The first English Homosexual*. [Tese de Doutorado, Stanford University].